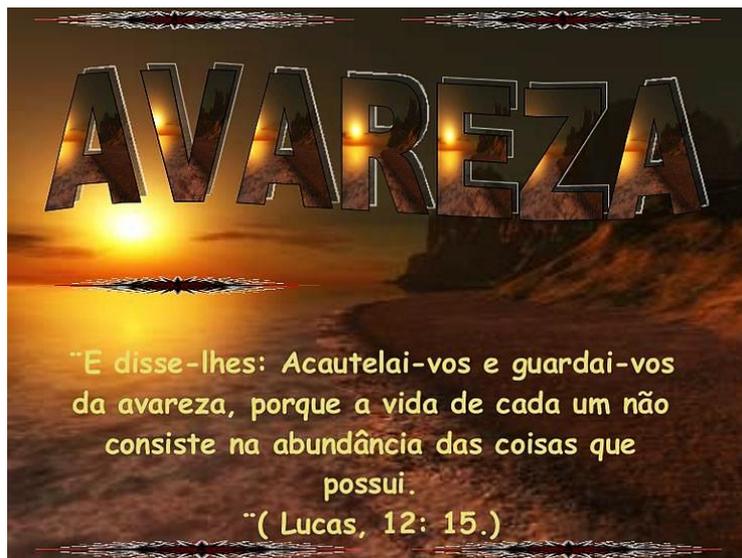


# Domingo XVIII do Tempo Comum - Ano C – 03 agosto 2025



## Viver a Palavra

Somos homens e mulheres chamados a percorrer com alegria e generosidade os trilhos da história, mas convidados a viver de olhos postos no Céu, na medida alta da santidade: «*se ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus*».

A pátria celeste é a meta do nosso caminho e este horizonte configura os nossos passos. Popularmente é habitual escutarmos que para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho lhe serve. Contudo, nós sabemos para onde vamos e qual a meta do nosso caminho e, por isso, somos convidados a contruir a nossa existência a partir desse horizonte de santidade para o qual somos chamados.

Como Coelet, sabemos que é fácil que aquilo que fazemos não passe de «*vaidade*», de um sopro, de uma fumaça encantadora, mas oca e vazia. Temos consciência que, viver radicalmente a proposta de santidade que o Senhor nos propõe, implica depositar a nossa esperança naquilo que realmente pode oferecer garantias de realização e felicidade e uma felicidade que tenha sabor de eternidade e nos projete para a eternidade.

Jesus confrontado com a questão tão dramática das partilhas familiares adverte: «*vede bem, guardai-vos de toda a avareza: a vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens*». Jesus não condena os bens materiais nem rejeita a clara necessidade deles para a nossa subsistência e existência. Jesus alerta-nos para o perigo de fazer deles a garantia da nossa vida.

Aquele que foi enviado pelo Pai para anunciar um Reino de justiça e de paz não é juiz de partilhas familiares. É verdade que escutar Jesus, o modo como fala do amor e da justiça, levaria a pensar que Ele seria a pessoa mais indicada para arbitrar aquele conflito familiar. Contudo, Jesus é claro: Ele não é juiz nem árbitro de partilhas que geram divisão e conflito. O Mestre da comunhão e da unidade convida-nos a gastar as nossas forças na construção de um mundo mais justo e fraterno, depositando a nossa confiança nos bens que oferecem verdadeiras garantias de felicidade.

Caminhar, aspirando às coisas do alto, implica estabelecer uma relação nova com os bens materiais. Implica passar da lógica da posse à nova lógica do dom, onde possuir não significa conjugar de modo egoísta o verbo ter, mas viver agradecido com aquilo que nos é confiado. Foi essa a “insensatez” do homem rico da parábola narrada por Jesus. Ele não é «*insensato*» por ter muitos bens ou uma colheita abundante, mas pelo modo como se relaciona com tantos bens.

Curiosamente, não há ninguém em torno deste homem. Ele não tem nenhum interlocutor. Não tem ninguém em casa. Não há ninguém com quem dialogar sobre estas abundantes riquezas. Nenhum coração, nenhum rosto, nenhum amigo. Este homem aparece a falar consigo mesmo e voltado para si mesmo: «*que hei-de fazer, pois não tenho onde guardar a **minha** colheita? Vou fazer assim: Deitarei abaixo os **meus** celeiros para construir outros maiores, onde guardarei todo o **meu** trigo e os **meus** bens. Então poderei dizer a **mim** mesmo: **Minha** alma, tens muitos bens em depósito para longos anos*».

Os bens que acumulou não lhe permitem olhar o outro, mas encerram-no em si mesmo. Mesmo quando enuncia o seu programa de vida, pensa em si isoladamente: *descansa, come, bebe, regala-te*. Este homem investiu no produto errado, pois investiu no dinheiro, ao invés de investir no amor, nas relações e na capacidade de sair de si mesmo para descobrir o precioso tesouro que é o outro, alcançando o totalmente Outro que dá sentido à nossa existência.

Escutemos como S. Basílio responde a este homem: «e depois quando encheres esses celeiros que farás? Demolirás ainda e de novo reconstruirás? Com preocupação construir, com preocupação demolir: que há de mais estúpido, de mais inútil? Se quiseres, há celeiros, estão nas casas dos pobres». *in Voz Portucalense*

+++++

Na próxima semana, **Domingo XIX do Tempo Comum**, tem início a **Semana Nacional da Mobilidade Humana**. Este ano o **Dia Mundial do Migrante e do Refugiado** não coincidirá com o último domingo de setembro, como de costume, mas será celebrado nos dias 4 e 5 de outubro, conforme o programa do Jubileu. Cada comunidade é chamada a dinamizar esta semana e a ter presente esta realidade na sua oração e ação missionária. O tema para este ano será: «Migrantes, missionários de esperança» *in Voz Portucalense*

+++++

**Já no Tempo Comum**, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -**, **acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

**Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas.** Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

## **LEITURA I - Cohelet (Eclesiastes) 1,2; 2,21-23**

**Vaidade das vaidades – diz Cohelet –**

**vaidade das vaidades: tudo é vaidade.**

**Quem trabalhou com sabedoria, ciência e êxito,**

**tem de deixar tudo a outro que nada fez.**

**Também isto é vaidade e grande desgraça.**

**Mas então, que aproveita ao homem todo o seu trabalho**

**e a ânsia com que se afadigou debaixo do sol?**

**Na verdade, todos os seus dias são cheios de dores**

**e os seus trabalhos cheios de cuidados e preocupações;**

**e nem de noite o seu coração descansa.**

**Também isto é vaidade.**

## **CONTEXTO**

O Livro de Cohelet (designado também como “livro do “Eclesiastes”) é um escrito estranho, enigmático, polémico, pouco ortodoxo, que se apresenta como uma reflexão sobre o sentido da existência. Pertence à chamada “literatura sapiencial”. O seu autor autointitula-se “Cohelet”. O nome “Cohelet” (assim como o nome grego “Ekklesiastés”) significa “aquele que participa na assembleia” ou, numa perspetiva mais ativa, “aquele que fala na assembleia”. O autor diz ainda, sobre si próprio, que é “filho de David, rei de Jerusalém” (Co 1,1). Ora, o único filho de David que reinou em Jerusalém foi Salomão, o “rei sábio” (cf. 1 Re 3,5-28); no entanto, a linguagem próxima do hebreu rabínico (que apresenta traços tardios) e as ideias apresentadas mostram claramente que a redação do livro é bem posterior à época do rei Salomão. Pensa-se que o autor do livro terá sido um judeu conhecedor da cultura e dos valores religiosos do seu povo, talvez dos círculos intelectuais de Jerusalém. A maior parte dos especialistas situam a sua composição pelos finais do séc. III a.C., na primeira fase do processo de helenização da Palestina.

Apesar de se apresentar como uma reflexão de um sábio sobre o sentido da existência, este livro polémico não fornece respostas para as grandes questões da vida. Pelo contrário, o seu grande objetivo parece ser a destruição das certezas e seguranças que servem de âncora à sabedoria e a catequese tradicionais de Israel. Sempre em tom amargo e pessimista, o autor do livro constata que o homem é incapaz de ter acesso à “sabedoria”, que não há qualquer novidade e que estamos fatalmente condenados a repetir os mesmos desafios, que o esforço humano é vão e inútil, que é impossível conhecer Deus, que nada vale a pena porque a morte está sempre no horizonte e iguala-nos com os ignorantes e os animais. Não é um livro onde se vão procurar respostas; é um livro onde se denuncia o fracasso da sabedoria tradicional e onde ecoa o grito de angústia de uma humanidade ferida e perdida, que não compreende a razão de viver.

O texto que a liturgia deste domingo nos propõe como primeira leitura pertence à primeira parte do livro. Aí, pondo-se na pele do rei Salomão, desiludido e amargurado depois de uma vida de glórias e prazeres, o autor

constata a inutilidade de todos os esforços do homem e conclui que tudo na vida é “vanidade” ou “ilusão” (Co 1,2). *in Dehoniano*

## **INTERPELAÇÕES**

- Para onde caminhamos? Qual o sentido da nossa vida? Vale a pena viver? Que proveito tira o homem desse enorme esforço que constitui a luta diária pela existência? Alguns filósofos existencialistas recentes, no contexto da reflexão sobre o sentido da vida, falam da futilidade da existência, da náusea que o homem moderno sente diante de realidades que lhe escapam, do absurdo de uma vida que se dirige inexoravelmente ao encontro da morte, da sensação de vazio e de angústia que acompanha os passos do homem sobre a terra. Não andamos longe da reflexão feita pelo Cohelet há muitos séculos sobre a “vanidade” do esforço humano e sobre o sentido – ou a falta de sentido – da vida. As conclusões, quer do Cohelet, quer das filosofias existencialistas agnósticas, seriam desesperantes se não existisse a fé. Para os crentes, a vida não é absurda porque ela não termina nem se encerra neste mundo. A nossa caminhada nesta terra está, de facto, cheia de limitações, de desilusões, de imperfeições; mas nós estamos convictos de que a vida que conhecemos aqui desemboca numa realidade totalmente “outra”, naquilo a que chamamos “a vida eterna”. Só aí encontraremos o sentido pleno do nosso ser e da nossa existência. É com esta certeza que vivemos e caminhamos?
- A reflexão do Cohelet põe a nu a falência de uma vida virada apenas para as coisas materiais, os interesses mais básicos, as preocupações mais rasteiras, os valores mais fúteis; e convida-nos a não colocar a nossa esperança e a nossa segurança em coisas falíveis e passageiras. Quem vive, apenas, para trabalhar, para acumular, para aumentar a conta bancária, para “comprar” todas as possibilidades de conforto e de luxo, para gozar de um nível de vida que o imponha na hierarquia da sociedade do bem-estar, cedo ou tarde perceberá o absurdo da sua existência: “ilusão das ilusões, tudo isso é ilusão”; e uma vida construída sobre “ilusão”, é uma vida construída sobre areia. Para que é que vivemos? O que é que dá pleno sentido à nossa vida? Quais são os valores sobre os quais procuramos alicerçar a nossa existência? *in Dehonianos.*

## **SALMO RESPONSORIAL – Salmo 89 (90)**

**Refrão: Senhor, tendes sido o nosso refúgio através das gerações.**

Vós reduzis o homem ao pó da terra  
e dizeis: «Voltai, filhos de Adão».  
Mil anos a vossos olhos são como o dia de ontem que passou  
e como uma vigília da noite.  
Vós os arrebatáis como um sonho,  
como a erva que de manhã reverdece;  
de manhã floresce e viceja,  
de tarde ela murcha e seca.  
Ensinai-nos a contar os nossos dias,  
para chegarmos à sabedoria do coração.  
Voltai, Senhor! Até quando...  
Tende piedade dos vossos servos.  
Saciai-nos desde a manhã com a vossa bondade,  
para nos alegrarmos e exultarmos todos os dias.  
Desça sobre nós a graça do Senhor nosso Deus.  
Confirmai, Senhor, a obra das nossas mãos.

## **LEITURA II – Colossenses 3,1-5.9-11**

**Irmãos:**

Se ressuscitastes com Cristo,  
aspirai às coisas do alto,  
onde Cristo está sentado à direita de Deus.  
Afeiçoai-vos às coisas do alto e não às da terra.  
Porque vós morrestes  
e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.  
Quando Cristo, que é a vossa vida, Se manifestar,  
também vós vos haveis de manifestar com Ele na glória.  
Portanto, fazei morrer o que em vós é terreno:  
imoralidade, impureza, paixões, maus desejos e avareza,

que é uma idolatria.  
Não mintais uns aos outros,  
vós que vos despojastes do homem velho com as suas ações  
e vos revestistes do homem novo,  
que, para alcançar a verdadeira ciência,  
se vai renovando à imagem do seu Criador.  
Aí não há grego ou judeu, circunciso ou incircunciso,  
bárbaro ou cita, escravo ou livre;  
o que há é Cristo,  
que é tudo e está em todos.

## CONTEXTO

Não foi Paulo que evangelizou a cidade de Colossos, situada na Ásia Menor, ao sul da antiga Frígia, no vale do rio Lico. De acordo com os dados que constam da Carta aos Colossenses, foi Epafras, discípulo de Paulo, quem anunciou o Evangelho de Jesus na cidade (cf. Cl 2,1; 4,1-2). Do esforço missionário de Epafras nasceu uma comunidade viva e empenhada, constituída maioritariamente por cristãos vindos do paganismo, embora também contasse com alguns cristãos de origem judaica.

Na altura em que escreve a Carta aos Colossenses, Paulo está na prisão. Recebendo a visita de Epafras, Paulo soube que tinham chegado a Colossos pregadores cristãos que ensinavam doutrinas erróneas. Esses pregadores, de tendência judaizante, mas influenciados por ideias gnósticas, procuravam convencer os Colossenses a acolher um conjunto de práticas, tradições e doutrinas que os levariam a uma maior perfeição, a um grau superior da experiência cristã. Exigiam a circuncisão, o respeito pelo sábado, a observância de certas festas judaicas, a abstinência de alguns alimentos; difundiam o culto dos anjos e de certos “poderes” cósmicos que governavam os astros; pregavam a necessidade da submissão a rituais de iniciação em voga no mundo helénico e a práticas rígidas de ascetismo.

Paulo reconheceu, na informação que Epafras lhe trouxe, que havia motivos de preocupação. O Evangelho estava a ser desvirtuado em Colossos, pois as doutrinas que esses pregadores difundiam acabavam por deixar na sombra Cristo e a proposta de salvação que Ele veio trazer. Paulo decidiu então escrever aos Colossenses, acentuando o papel e o lugar de Cristo no projeto salvador de Deus. A Carta poderia ser dos anos 61-63, altura em que Paulo esteve preso em Roma.

O texto que a liturgia deste domingo nos propõe como segunda leitura integra a parte moral da carta (cf. Cl 3,1-4,1). Aí Paulo tira conclusões práticas daquilo que afirmou na primeira parte (que Cristo basta para a salvação) e convoca os Colossenses a viverem, no dia a dia, de acordo com essa vida nova que os identificou com Cristo. *in Dehonianos*.

## INTERPELAÇÕES

- Usamos frequentemente as expressões “cristão praticante” e “cristão não praticante” para definir a nossa forma de viver a fé. O que é que elas traduzem? A nossa frequência dos sacramentos? A nossa participação nos rituais litúrgicos previstos no calendário religioso? A nossa obediência às leis da Igreja e às indicações vindas da hierarquia eclesial? Paulo propõe-nos uma categoria diferente para aferirmos o nosso envolvimento com a fé: a forma como vivemos os compromissos que assumimos no dia do nosso batismo. Nesse dia, comprometemo-nos a renunciar ao pecado, à escravidão que o egoísmo traz, à maldade que é incompatível com viver como filho de Deus. Temos “praticado” essa renúncia? Nesse dia comprometemo-nos também a escutar Jesus, a segui-lo no caminho do amor, do dom da vida, do serviço humilde a Deus e aos irmãos. Temos “praticado” esses “passos”? Temos procurado viver com coerência as exigências do nosso batismo? Optamos claramente pelas “coisas do alto”, ou as “coisas da terra” (brilhantes e sugestivas, mas também efémeras e fúteis) têm prioridade, condicionam a nossa forma de estar no mundo e de nos relacionarmos com os irmãos?
- Paulo define, para os que aderiram a Cristo pelo batismo, um objetivo “obrigatório”: renovarmo-nos continuamente até nos tornarmos “imagem” de Deus. Talvez isto nos soe demasiado ambicioso e nos pareça missão impossível. No entanto, todos nós conhecemos homens e mulheres que, pela forma como vivem, pela paz que transmitem, pelo testemunho de amor e de serviço que dão, pelo seu desprendimento e simplicidade, pela maneira como acolhem todos aqueles que se cruzam com eles, pelo seu alheamento dos jogos de ambição e de poder, pela sua generosidade e alegria, nos fazem sonhar com uma vida diferente, com um mundo novo. Sentimos que eles nos trazem algo de Deus. Não poderemos, nós também, ser “imagem” de Deus? Aqueles que nos rodeiam, que convivem connosco, conseguem detetar em nós algo de Deus?
- Paulo convida os colossenses – e todos aqueles que se encontraram com Cristo e aderiram a Ele – a despojarem-se do homem velho e a revestirem-se do homem novo. Detenhamo-nos um pouco

nesta imagem e avaliemos a nossa vida a partir dela... Quais são as coisas da “vida velha” que arrastamos connosco, que nos impedem de caminhar livres e que deveríamos abandonar? Quais são as ideias, os valores, os comportamentos, as atitudes que deveríamos “vestir” para sermos pessoas novas e para darmos mais sentido à nossa existência? *in Dehonianos*

## **EVANGELHO – Lucas 12,13-21**

**Naquele tempo,**

**alguém, do meio da multidão, disse a Jesus:**

**«Mestre, diz a meu irmão que reparta a herança comigo».**

**Jesus respondeu-lhe:**

**«Amigo, quem Me fez juiz ou árbitro das vossas partilhas?»**

**Depois disse aos presentes:**

**«Vede bem, guardai-vos de toda a avareza:**

**a vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens».**

**E disse-lhes esta parábola:**

**«O campo dum homem rico tinha produzido excelente colheita.**

**Ele pensou consigo:**

**‘Que hei de fazer,**

**pois não tenho onde guardar a minha colheita?**

**Vou fazer assim:**

**Deitarei abaixo os meus celeiros para construir outros maiores,**

**onde guardarei todo o meu trigo e os meus bens.**

**Então poderei dizer a mim mesmo:**

**Minha alma, tens muitos bens em depósito para longos anos.**

**Descansa, come, bebe, regala-te’.**

**Mas Deus respondeu-lhe:**

**‘Insensato! Esta noite terás de entregar a tua alma.**

**O que preparaste, para quem será?’**

**Assim acontece a quem acumula para si,**

**em vez de se tornar rico aos olhos de Deus».**

## **CONTEXTO**

Enquanto percorre o caminho que leva da Galileia a Jerusalém, Jesus aproveita todos os pretextos para ir formando os seus discípulos nos valores do Reino de Deus. Dessa forma prepara-os para serem, mais tarde, no “tempo da Igreja”, as testemunhas do Reino diante de todos os povos e nações. Com as lições que, a cada passo, vão recebendo de Jesus, os discípulos crescem na lógica do Evangelho; vão-se despidendo das suas lógicas pessoais, egoístas e interesseiras, e interiorizando a proposta de Jesus.

A “lição” de Jesus que o Evangelho deste domingo evoca é exclusiva de Lucas. É despoletada por uma questão relacionada com partilhas... Um homem não identificado pede a Jesus que intervenha como árbitro numa questão de repartição da herança familiar. Segundo as tradições judaicas, o filho primogénito de uma família de dois irmãos recebia dois terços das possessões paternas (cf. Dt 21,17). O homem que interpela Jesus será o irmão mais novo, que ainda não tinha recebido a sua parte da herança? Será um irmão descontente com a avaliação dos bens feita pelo outro irmão? Estará a requerer a intercessão de Jesus para que o seu irmão seja mais generoso na repartição dos bens familiares? O texto de Lucas não nos esclarece sobre estes pormenores.

Era frequente, no tempo de Jesus, que os escribas e doutores da lei, versados nas escrituras, assumissem o papel de juízes em casos similares. Competia-lhes, a partir da Lei, indicar como resolver situações discutíveis. O homem que solicita a intervenção de Jesus chama-lhe “mestre” (“didaskale”), reconhecendo-lhe uma autoridade semelhante à dos escribas e doutores da Lei. *in Dehonianos*.

## **INTERPELAÇÕES**

- Deus confiou-nos um capital de valor inestimável: a nossa vida. Não podemos dar-nos ao luxo de desperdiçar esse dom, de o malbaratar em apostas falhadas. Apesar disso, nem sempre conseguimos perceber em que caminhos andar, que valores privilegiar, que opções tomar, para dar pleno significado à nossa existência. Deixamo-nos arrastar pelo movimento do rebanho, pela pressão social, pelos ditames do politicamente correto, pelos gritos estridentes dos influenciadores de serviço, pela tentação da acomodação e do bem-estar, pelo medo que nos impede de arriscar, até chegarmos a becos sem saída e mergulharmos no vazio, na frustração, na desilusão. O que podemos fazer para encher de significado a nossa vida? Como devemos viver? Que apostas devemos privilegiar?

- No caminho para Jerusalém, Jesus contou a história de um homem que vivia encerrado no seu pequeno mundo, apostado em acumular bens, em armazenar mais e mais, em aumentar o seu bem-estar material, em garantir uma vida cômoda e confortável. É uma história que reproduz muitas histórias de vida que conhecemos bem: histórias de gente frívola e superficial, que vive para o “ter”, que constrói a vida sobre valores efêmeros, que reduz a existência à busca do bem-estar material, que se contenta com horizontes limitados, que caminha de olhos postos no chão. Jesus avisa que uma opção desse tipo é uma opção “insensata”, escravizante, vazia, sem futuro, que desumaniza o homem e o impede de chegar à vida verdadeira. Quais são os valores sobre os quais construímos a nossa existência? Quais são as grandes preocupações que nos habitam e os interesses que priorizamos?
- O protagonista da parábola contada por Jesus nunca se refere à sua família, aos seus amigos, aos seus vizinhos ou aos seus trabalhadores. Também nunca se refere a Deus. O seu mundo, é o pequeno mundo do “eu”; vive numa “bolha” onde não cabe mais ninguém. Está exclusivamente virado para as suas coisas: a sua colheita, os seus celeiros, o seu trigo, os seus bens. Parece não ter qualquer relacionamento com ninguém ou, então, não ter tempo para gastar com as pessoas que fazem parte da sua vida. Para ele, os bens materiais e o bem-estar que eles podem proporcionar valem mais do que o amor e a amizade. Não se dá conta de que vive prisioneiro de uma lógica que o desumaniza e que o esvazia de toda a dignidade. Como vemos uma vida vivida neste registo? É uma vida que vale a pena? O que é que nos realiza mais: as coisas materiais que nos oferecem um certo grau de conforto e de segurança, ou o amor, a amizade, a solidariedade, a partilha, a comunhão?
- Jesus parece, em tantas páginas do Evangelho, ter uma qualquer prevenção contra os ricos e as riquezas. Em certa ocasião Ele chegou a dizer que “é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no Reino dos Céus” (Mt 19,24). Não estaria a exagerar? Os bens materiais serão algo intrinsecamente mau? A simples posse dos bens materiais é, por si só, um bilhete direto para o fracasso da existência? O problema não reside nos bens materiais em si, mas sim na forma como os vemos e nos relacionamos com eles. Conscientes de que o dinheiro pode servir para pagar fama, prestígio, segurança, conforto, bem-estar, absolutizamos a sua importância e começamos a construir a nossa vida à volta dele. Aos poucos, o amor do dinheiro domina-nos. A ambição, a cobiça, a avareza, tomam conta de nós e atiram para lugares secundários todos os nossos valores de referência. Por causa dos bens materiais, tornámo-nos injustos, prepotentes, insensíveis, egoístas. Passamos a ignorar os nossos irmãos e as privações que eles passam. Embora sabendo que um quinto da humanidade passa fome, consideramos que isso não é connosco. Para Jesus, construir a vida à volta deste cenário é uma “insensatez”, não leva a lado nenhum. E nós, que achamos disto?
- A história do rico insensato, que pretendia instalar-se no seu mundo de bem-estar e de abundância, sem se preocupar com mais nada, é uma parábola bem expressiva para descrever o cenário do nosso Primeiro Mundo: uma sociedade frívola e insensível, que vive para o “ter”, que ergue muros para se defender dos pobres, que expulsa os imigrantes ilegais, que atira para as bermas dos caminhos da história os mais frágeis e necessitados, que constrói as suas ilhas de conforto à custa de trabalho escravo, que faz dos centros comerciais as catedrais onde vai adorar os seus deuses, que cria continuamente necessidades artificiais e faz tudo para as satisfazer, que vive para os sentidos e para o imediato, que se recusa a aprofundar o sentido da existência, que tem dificuldade em lidar com tudo aquilo que implica sacrifício, esforço e compromisso. Qual a nossa responsabilidade na construção de um mundo com estas cores? *in Dehonianos*.

#### Para os leitores:

Na **primeira leitura**, um primeiro cuidado a ter em conta é a repetição da palavra «*vaidade*». Além disso, é necessário ter uma especial atenção à pergunta retórica que está presente no texto.

A **segunda leitura**, tal como nos habituamos nos textos de S. Paulo, possui frases longas com diversas orações que pede uma especial atenção às respirações e às pausas para uma correta proclamação do texto.

#### I Leitura: (ver anexo)

#### II Leitura: (ver anexo)